X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM
Dezembro de 2024, Online | claec.org/ehm
Resumos Expandidos

Dinâmicas sociais no Parque Lagoa Encantada - Cuiabá (MT): estudo do desenho urbano atrelado à infraestrutura social

Dinámica social en el Parque Lagoa Encantada - Cuiabá (MT): estudio de diseño urbano vinculado a la infraestructura social

Bruna Santos e Silva[1]

Marcia Alves Soares da Silva[2]

Resumo

O estudo analisa a relação entre o desenho urbano e as dimensões públicas do espaço, a partir da experiência no Parque Lagoa Encantada, situado em Cuiabá-MT. Embora a desigualdade social e a ausência de espaços qualificados possam afetar as condições de apropriação, partindo da premissa que a organização dos espaços sugere pertinências, as comunidades têm demonstrado significativa adaptação criando redes de apoio, até mesmo, nos espaços informais, com a importância da infraestrutura social, que inclui as relações interpessoais que sustentam a vida comunitária. Com este subsídio teórico, o estudo foca nas apropriações do Parque Lagoa Encantada, inaugurado em 2011, e busca compreender as condicionantes que impulsionam ou desmotivam a utilização do Parque. A metodologia envolve o levantamento de dados da estrutura do parque, a análise de condições ambientais e a identificação de padrões de uso. Os resultados mostram que a frequência no Parque varia com as condições de conforto térmico, com a presença de equipamentos e mobiliários atrativos e com o sentimento de pertencimento e segurança. A conclusão aponta que as apropriações estão aquém do potencial do espaço, sugerindo a necessidade de reavaliação do desenho urbano e a articulação com equipamentos do entorno para recuperar atividades comunitárias e promover um ambiente inclusivo, a partir de premissas que considerem o foco na intimidade e no cuidado.

Palavras-Chave: Apropriação; Dimensões sociais; Espaço Público; Vida pública; Relações no espaço;

Resumen

El estudio analiza la relación entre el diseño urbano y las dimensiones públicas del espacio, a partir de la experiencia del Parque Lagoa Encantada, ubicado en Cuiabá-MT. Si bien la desigualdad social y la ausencia de espacios calificados pueden afectar las condiciones de apropiación, partiendo de la premisa de que la organización de los espacios sugiere relevancia, las comunidades han demostrado una adaptación significativa al crear redes de apoyo, incluso en espacios informales, con la importancia de la infraestructura social. que incluye las relaciones interpersonales que sustentan la vida comunitaria. Con este sustento teórico, el estudio se centra en las apropiaciones del Parque Lagoa Encantada, inaugurado en 2011, y busca comprender las condiciones que alientan o desalientan el uso del Parque. La metodología implica recopilar datos sobre la estructura del parque, analizar las condiciones ambientales e identificar patrones de uso. Los resultados muestran que la asistencia al Parque varía con las condiciones de confort térmico, la presencia de equipos y mobiliario atractivos y el sentimiento de pertenencia y seguridad. La conclusión señala que las apropiaciones están por debajo del potencial del espacio, sugiriendo la necesidad de reevaluar el diseño urbano y la articulación con equipamientos circundantes para recuperar actividades comunitarias y promover un ambiente inclusivo, a partir de premisas que consideren el enfoque de intimidad y cuidado.

[1]Mestranda em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; brunasilvaarqurb@gmail.com.
[2] Doutora em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; marciaalvesgeo@gmail.com.

Palabras claves: Apropiación; Dimensiones sociales; Espacio Público; Vida pública; Relaciones en el espacio;

1. Introdução

São várias as teorias que discorrem sobre as influências do desenho urbano no cotidiano da população. A forma como os espaços urbanos são organizados e as materialidades que os compõem, podem influenciar na maneira como as pessoas utilizam esses espaços (Carlos; Souza; Sposito, 2013).

Queiroga (2012), ao trazer a discussão para a realidade brasileira, aponta que há vida pública mesmo nos cenários em que espaços qualificados estão ausentes, evidenciando a capacidade de resistência e de adaptação da população, sobretudo nas periferias do país. Ainda que seja expressiva a desigualdade social, são percebidas várias formas de apropriação em espaços denominados informais.

Em contextos de desigualdade socioespacial, especialmente no Sul Global, a vida social se sustenta e se desenvolve através das relações interpessoais. A escassez de infraestruturas físicas formais e a exclusão cotidiana tornam as interações sociais e as redes de apoio essenciais para a coesão e sobrevivência comunitária.

Portanto, argumenta-se que o desenho urbano é um fator relevante, no entanto, não é o único sugestor das apropriações, sobretudo nos Espaços Públicos. Uma vez que a análise das relações entre as pessoas e os espaços transcende a interligação com o traçado urbano, chamando à compreensão das dinâmicas urbanas, exige-se um olhar mais subjetivo e interdisciplinar para as especificidades da infraestrutura social.

O termo infraestrutura social está sendo cada vez mais discutido na literatura acadêmica, em relatórios de políticas e fóruns públicos e, dentre as várias definições, têm sido entendido como sendo equivalente a espaços sociais e espaços de sociabilidade (Hall, 2020). Portanto, também há um entendimento de que esses espaços permitem a reprodução social e suas mudanças afetam outros aspectos da vida urbana das pessoas, sendo espaços para combater a exclusão intrínseca às dinâmicas de acumulação de capital (McFadden, 2023).

Assim, temos como interesse provocar as visões mais tradicionais sobre infraestruturas sociais, que as reduzem considerando-as apenas como equipamentos urbanos, trazendo para o debate as dinâmicas subjetivas que sustentam essas infraestruturas, como o cuidado, o afeto e a solidariedade, que reforçam os laços socioespaciais.

As infraestruturas sociais permitem que grupos se reúnam, apoiem sua comunidade, que as pessoas cuidem umas das outras, que possam se aglomerar, experimentar e conviver com as diferenças, possam se exercitar, praticar esportes, dançar, isto é, são estruturados enquanto espaços de sociabilidade que tornam a vida nas cidades habitável e valiosa (Latham; Layton, 2022).

Na visão dos autores, esses espaços dão suporte à vida social e revelam uma dimensão pública das cidades, porque ao se concentrarem nas sociabilidades urbanas, podem contribuir na política de planejamento. Portanto, mostra-se relevante entender como essas infraestruturas são praticadas e por que elas são importantes para as comunidades.

Para a aplicabilidade do estudo, partindo deste referencial teórico, focamos nos Espaços Livres Públicos de Lazer do bairro Morada da Serra[3] em Cuiabá - Mato Grosso, sobretudo, no Parque Lagoa Encantada, inaugurado no ano de 2011 em uma área (31 hectares) de Estação de Tratamento de Esgoto, sendo atribuído, desde então, a dupla função: Equipamento de Manutenção e de Lazer.

[3] O Bairro em questão é um subcentro de renda médio-baixa e possui adjacências de renda baixa que usufruem de sua infraestrutura, abriga o Conjunto Habitacional do Centro Político Administrativo e outras localidades.

Com o objetivo de investigar as afetividades deste território e refletir sobre a dinâmica da vida pública, que justificassem as apropriações, buscou-se analisar a paisagem, através de uma abordagem que considere os indicadores subjetivos (Ciasca, 2018), bem como sua potencialidade enquanto parte de um Sistema de Espaços Livres, oportunizador da infraestrutura social e do direito à cidade.

Este objeto de estudo apresenta a oportunidade de analisar como estão sendo feitas as intervenções em espaços públicos, se as demandas da população são atendidas e os motivos de estarem sendo apropriados ou não pelas pessoas.

2. Metodologia

Como base para principiar a pesquisa utilizou-se a metodologia proposta por Euller Sandeville Jr em *"Um roteiro para estudo da paisagem intra-urbana"* (2004), além de outros aportes teóricos que orientam a análise da paisagem a partir de uma abordagem exploratória.

Para Localização e Fisionomia, realizou-se o levantamento das características físicas do Parque a partir de diferentes escalas. Em paralelo, foram elencadas as principais reportagens referentes a esta área, com o intuito de averiguar as possíveis demandas e insatisfações da população. Considerando que os noticiários apontam alto nível de degradação, realizou-se o levantamento do estado de conservação dos edifícios e mobiliários.

Foram levantadas as apropriações dos usuários do parque, através de visitas in loco em diferentes contextos, com o intuito de constatar as alternâncias e marcas dos usos. Também aferiu-se as temperaturas em pontos estratégicos[4] do Parque, através de aplicativos de termômetro ambiente, na busca pelas características ambientais, identificando as condições dos locais mais utilizados e a diferença do conforto térmico nas situações antagônicas.

Foram feitas cartografias que combinaram os dados para identificar as possíveis condicionantes de apropriação. Essas cartografias foram geradas a partir das imagens de satélite do Google Earth com sobreposições de softwares que permitiam ilustrações.

Com base nesses dados coletados, várias são as possibilidades de interpretação e uma delas diz respeito às dinâmicas subjetivas. Tal caminho dialoga com as recentes discussões sobre as Geografias Emocionais, que busca analisar como as experiências subjetivas estão diretamente ligadas com os espaços, sendo as emoções uma mediação socioespacial.

3. Resultados e discussão

A análise das cartografias demonstra que o Parque é mais visitado no início e no final do dia[5] e a maior afluência se dá nos finais de semana, assim como nas quartas e sextas-feiras, o que coincide com as feiras nas vias públicas adjacentes e demonstra uma interação significativa entre os eventos comunitários e a frequência no espaço de lazer.

As apropriações no Parque revelam que as áreas mais frequentadas são aquelas que oferecem uma combinação de fatores atrativos, sobretudo nos pontos em que há visibilidade e facilidade de acesso. Os elementos que se encontram depredados não apresentam interesse dos frequentadores, fazendo com que o público se reúna em pontos específicos e concentrados e a rota da caminhada tenha pontos inseguros[6] (Figura 1).

[4] A escolha dos pontos se justifica na proximidade com edifícios e mobiliários, nos descampados e nos maciços arbóreos.

[5] Sugerindo que as pessoas buscam esses períodos pela disponibilidade de tempo e pelas condições de temperatura.

[6] Atribuído à ausência de "olhos da rua"(conceito de Jane Jacobs - 1961).

Figura 1 - Cartografia síntese dos principais dados coletados na escala intra-parque (2024).
Fonte: Google Earth e registros pessoais, modificados pelas autoras.

No que tange às condições climáticas, particularmente à temperatura, fator de grande relevância para a análise no contexto de Cuiabá, demonstrou-se uma dinâmica complexa. Embora os pontos mais frescos do parque sejam, em geral, preferidos pelos frequentadores, essa preferência está condicionada à presença de funções específicas ou à proximidade com outras áreas de uso frequente. Assim, locais que apresentam temperaturas mais amenas, mas que não estão associadas a elementos atrativos, tendem a ser subutilizados.

Entendemos que a quantidade de frequentadores no Parque é baixa em relação ao número de habitantes do bairro. Percebeu-se que este espaço ainda está atrelado ao símbolo do abandono e da violência urbana no imaginário dos moradores. Portanto, a participação comunitária, as relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento ao lugar refletem o apego e a identidade (Moreira; Hespanhol, 2011), reafirmando os desígnios de infraestrutura social, para que este espaço seja de fato um símbolo de lazer e acolhimento.

Nesse sentido, partimos da ideia de pessoas como infraestruturas, em que a sociabilidade que se reúne em torno de infraestruturas físicas apoiam uma comunidade segura e saudável. Assim, destaca-se que esta potencialidade pode ser explorada em sua máxima através de intervenções e políticas que analisem as relações de intimidade e cuidado, tais que são, muitas vezes, negligenciados e subestimados nos estudos urbanos (Latham; Layton, 2022).

4. Conclusão

Constatou-se que as apropriações no Parque estão muito aquém de sua capacidade e que existem meios de ampliar essa utilização através da articulação com demais equipamentos do entorno, reafirmando o papel do desenho urbano no espaço, sobretudo no contexto público. Entendemos que o desenho intra-parque necessita de uma reformulação, com o objetivo de reativar atividades comunitárias que foram abandonadas devido à depredação dos edifícios e à

crescente sensação de insegurança. Tais atividades, incluíram principalmente mulheres, crianças e idosos, reforçando a necessidade de recuperação do caráter democrático e inclusivo do parque.

Portanto, podemos concluir que a apropriação existente no parque está atualmente condicionada por sua estrutura e pelas dinâmicas que ocorrem no entorno, afirmando que o funcionamento de espaços públicos articulado com atividades dos arredores convida a população a se apropriar do território, como um uso mútuo. No caso do Parque, alguns fatores não contribuem para a identidade e o sentimento de pertencimento. Entretanto, reconhece-se que, ainda assim, há vida pública e que o espaço, analisado em toda sua potencialidade, pode ser (ou se tornar) um símbolo afetivo no imaginário coletivo dos moradores do bairro, até mesmo daqueles que atualmente o percebem como reflexo do abandono.

Referências

CIASCA, Kaian. MEMÓRIA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: MAPAS AFETIVOS COMO INDICADORES DE HÁBITOS CULTURAIS. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação,** São Paulo, n. 6, p. 207-221, jun. , 2018. Disponível em: https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/edicao6.php?cor=verde. Acesso: 29 out. 2024.

CORREA, Roberto L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.); SOUZA, Marcelo Lopes (Org.); SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 41-51.

HALL, Sarah Marie. Social reproduction as social infrastructure. **Soundings**, 76, p. 82-94, 2020.

LATHAM, Alan; LAYTON, Jack. Social infrastructure: why it matters and how urban geographers might study it. **Urban Geography**, V. 43. N5, p. 659-668, 2022.

MCFADDEN, Keavy. Infrastructures of social reproduction: Schools, everyday urban life, and the built environment of education. **Dialogues in Human Geography**, 2023.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 2, n. 14, 2011. DOI: 10.33081/formacao.v2i14.645. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645. Acesso em: 29 out. 2024.

SANDEVILLE JÚNIOR, Euller. Um roteiro para estudo da paisagem intra-urbana. **Paisagem e Ambiente**. São Paulo, n. 02, set. 2004. Disponível em: https://biosphera21.net.br/E-ARQUIVOS/PUBLICACOES/2004-Euler-Sandeville-paisagemroteiro.pdf. Acesso em: 29 de out. 2024.

SIMONE, Abdou Maliq. People as infrastructure: intersecting fragments in Johannesburg. **Public Culture,** V. 16, N.3, p. 407-429, 2004.